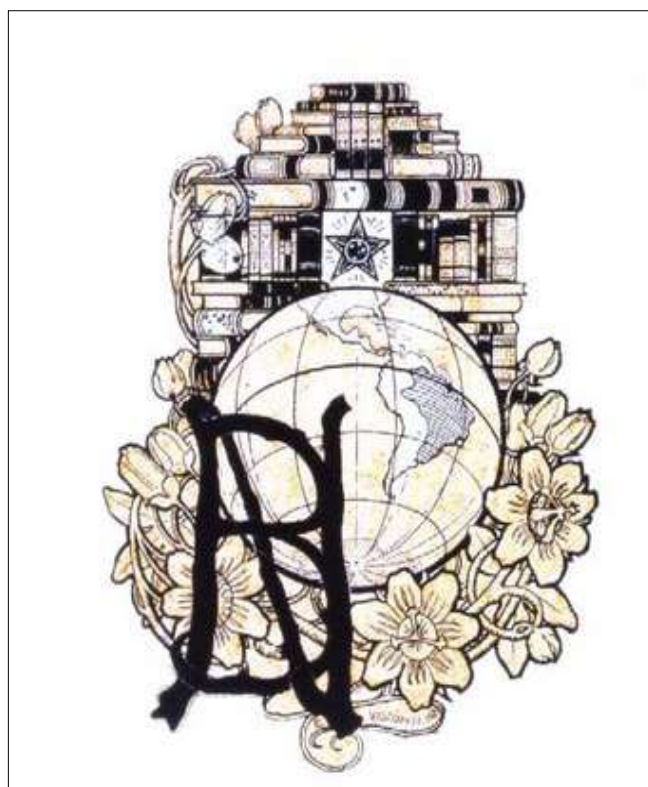


Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa de Apoio à Pesquisa

2018

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC



Thaís Fernandes

**História da tradução de literatura clássica latina no Brasil: os paratextos das traduções de
Virgílio**

2018

Resumo

Este artigo apresenta as traduções das três obras de Virgílio, *Geórgicas*, *Bucólicas* e *Eneida*, publicadas no Brasil entre 1808 e 2017. Os prefácios e as notas dessas obras, quando escritos por seus respectivos tradutores, foram analisados a partir da teoria dos paratextos desenvolvida por Gérard Genette (2009). Através dessa análise, quatro temas foram identificados como mais recorrentes: contextualização da obra e seu autor; problemas e especificidades da tradução; diálogo entre tradutores; e justificativas para o projeto de tradução. Para exemplificar como os tradutores tratam cada um desses temas foram selecionados exemplos de seus discursos presentes nos prefácios e notas analisados. Por fim, a análise revelou a importância desses paratextos para a leitura e compreensão das obras de Virgílio pelos leitores de hoje.

Palavras-chave: História da tradução no Brasil; Literatura clássica latina; Virgílio; Paratextos.

Abstract

This paper presents the translations of the three poems of Virgil, the *Georgics*, the *Eclogues* and the *Aeneid*, published in Brazil between 1808 and 2017. The prefaces and notes of these works, when written by their respective translators, were analyzed based on the paratexts theory developed by Gérard Genette (2009). Through this analysis, four themes were identified as more recurrent: contextualization of the work and its author; problems and specificities of the translation; dialogue between the translators; and justifications for the translation project. To exemplify how translators deal with each of these themes, examples were extracted from the prefaces and notes and subsequently analyzed. Finally, the analysis revealed the importance of these paratexts for the reading and understanding of Virgil's works by today's readers.

Keywords: Translation History in Brazil. Classical Latin Literature. Virgil. Paratexts.

Virgílio traduzido no Brasil: história de suas traduções e paratextos

Percebeis de que maneira a eloquência de Virgílio se distingue por combinar todos os diferentes estilos? Creio que Virgílio buscou justamente esse efeito por ter o presságio de que haveria de ser uma fonte para todos os homens, e esse seu entendimento, segundo julgo, é produto de uma inteligência não humana, mas divina.
(Macróbio, Saturnais, V, 1, 18-20).

Introdução

Virgílio (70-19 a.C.), o poeta nacional do Império romano, foi autor de três obras fundamentais para a literatura ocidental: *Bucólicas* (publicada por volta de 39 a.C.), *Geórgicas* (concluída em 29 a.C.) e *Eneida* (publicada após a sua morte e, segundo consta, contra a sua vontade, em 19 a.C.). Este artigo objetiva apresentar as traduções dessas três obras publicadas no Brasil, em livro impresso, de 1808 até 2017. A data de 1808 foi escolhida como início do período analisado por ser o ano da instalação da Impressão Régia (cf. HALLEWELL, 2012, p. 111). Também pretendemos analisar os prefácios e as notas dessas obras, somente quando escritos por seus respectivos tradutores, a partir da teoria dos paratextos desenvolvida por Gérard Genette (2009). Através dessa análise, intentamos mais especificamente revelar se esses tradutores refletem sobre problemas de tradução e quais são eles.

A literatura traduzida tem um papel fundamental na formação e na renovação das literaturas nacionais. Apesar disso, a história da literatura traduzida no Brasil ainda é pouco conhecida, a despeito do empenho recente de estudiosos e pesquisadores, em especial, dos Estudos da Tradução. Esse apagamento pode ser percebido nas historiografias literárias brasileiras que reservam um espaço bastante limitado à literatura traduzida, “[...] salvo na explicação de certos movimentos, como a poesia concreta, justamente porque essa corrente colocou a tradução no centro de sua poética, de modo que é praticamente impossível falar de concretismo sem se referir à prática tradutória de seus integrantes.” (COSTA; GUERINI; TORRES, 2008, p. 09). Pensando nisso, entendemos que é necessário que sejam feitos esforços para mapear a história da tradução no Brasil e, ao mesmo tempo, valorizar o trabalho dos tradutores e tradutoras que tanto ofertaram para a formação da literatura nacional. Nesse sentido, o presente estudo visa a contribuir para o mapeamento dessa história, trazendo à tona uma porção do conjunto da literatura traduzida no Brasil e resgatando do passado tradutores e

tradutoras como “[...] autênticos protagonistas, sujeitos históricos da tradução, muitas vezes anônimos.” (PINILLA, 2017, p. 231).

Fundamentam teoricamente esta pesquisa a teoria dos polissistemas e os Estudos Descritivos da Tradução, pensados por Itamar Even-Zohar (1990) e Gideon Toury (1995; 2012), e a já mencionada teoria dos paratextos, pensada por Genette (2009) e discutida por alguns pesquisadores da área de Estudos da Tradução. A teoria dos polissistemas e os Estudos Descritivos da Tradução permitem-nos descrever as traduções dentro do contexto da literatura de chegada, ou seja, a literatura clássica latina traduzida no contexto cultural e literário brasileiro, pensando a tradução como parte do sistema literário nacional. Já os paratextos são compreendidos como espaços de visibilidade do tradutor, a partir da noção de invisibilidade do tradutor proposta por Lawrence Venuti (1995).

Even-Zohar (1990) entende a literatura como um polissistema, uma estrutura aberta e dinâmica, que é constantemente modificada pelas relações entre os vários sistemas que o compõem. Para este autor, a tradução tem um papel fundamental nos sistemas literários nacionais, pois a literatura traduzida não é somente um sistema presente em outro sistema literário mas, em alguns casos, o mais ativo dentre os sistemas, sendo responsável por grande parte das inovações presentes na literatura nacional. Em relação à literatura brasileira, sabemos que a literatura clássica latina (mas também a grega) teve um papel importante no início do seu desenvolvimento, por exemplo, tendo sido modelo para os poetas árcades, num momento em que a literatura brasileira era jovem e ainda se encontrava em processo de formação. Os temas, mitos e lendas da poesia clássica, em especial de Virgílio, eram imitados pelos árcades (cf. CANDIDO, 2000, p. 43 e ss.). Essa influência virgiliana parece avançar pelo século XIX, quando encontramos um número relativamente alto de traduções desse autor no Brasil, conforme veremos mais adiante. É nesse período que Odorico Mendes publica suas traduções de Virgílio que, em meados do século XX, serão aclamadas pelos irmãos Campos, para quem a obra traduzida de Odorico Mendes não só influenciou o modo de se fazer tradução no Brasil, mas a própria literatura brasileira, particularmente a obra de Guimarães Rosa e de Sousaândrade.

O trabalho de Even-Zohar (1990) exerceu uma grande influência no estabelecimento da teoria dos Estudos Descritivos da Tradução. Para essa perspectiva, as normas, modelos e estratégias empregadas pelo tradutor não podem ser entendidas isoladamente, ou seja, fora do contexto dominante ou periférico literário e cultural no qual a tradução se insere. De acordo

com Toury (1995, p. 24), as traduções devem ser vistas como fatos da cultura que as hospeda, ou seja, da cultura de chegada. Para este autor, as traduções sempre são produzidas para suprir certas necessidades ou ocupar determinados espaços da cultura de chegada (TOURY, 1995, p. 12). Dessa forma, entendemos que as traduções que são objeto de nosso estudo devem ser pensadas a partir do contexto do sistema literário brasileiro.

Para analisar os prefácios e notas dos tradutores de Virgílio, apoiamo-nos na teoria dos paratextos de Genette (2009). Em sua obra *Paratextos editoriais*, o autor explica que o texto literário raramente se apresenta isolado de

[...] certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro. (GENETTE, 2009, p. 09)

Esses elementos que o acompanham são aquilo que Genette (2009) entende como paratextos, que possuem extensão e características diversas, dependendo da data, do local (e ainda de outros fatores) de publicação da obra. Seu destinatário pode ser o público em geral, os leitores do texto, críticos, livreiros etc. Apesar de Genette (2009) não tratar especificamente de paratextos do texto traduzido (como o nome do tradutor, indicação de que o texto é uma tradução, entre outros), alguns estudos vêm sendo desenvolvidos na área de Estudos da Tradução a partir das reflexões do autor francês.

Genette define o prefácio como “[...] toda espécie de texto liminar (preliminar ou pós-liminar), aural ou alógrafo, que consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede.” (2009, p. 145). Nessa perspectiva, os posfácios são considerados uma variedade de prefácio, como também o são textos intitulados como introdução, nota, notícia, estudo introdutório, preâmbulo, apresentação, discurso preliminar, epílogo, entre outros. Portanto, quaisquer desses textos encontrados em nossa pesquisa nas traduções de Virgílio foram analisados sob o conceito de paratexto e de prefácio.

O autor distingue dois tipos de prefácio: o *prefácio alógrafo*, que seria aquele escrito por uma pessoa que não o autor do texto, e o *prefácio aural ou autógrafo*, que seria escrito pelo autor do texto. Genette afirma que “em caso da tradução, o prefácio pode ser, como acabamos de ver, assinado pelo tradutor. O tradutor-prefaciador pode eventualmente comentar

(entre outras coisas) sua própria tradução; neste caso e neste sentido, seu prefácio deixa então de ser alógrafo” (2009, p. 233), ou seja, o tradutor passa a ser autor se comenta sobre a tradução, isto é, sobre seu próprio texto.

Nos prefácios, ainda segundo Genette (2009), podemos encontrar algumas funções, entre as elencadas pelo autor destacamos: “[...] reter e guiar o leitor explicando-lhe por que e como se deve ler o texto” (p. 212), informar sobre a gênese da obra, apresentar as etapas da concepção, redação e publicação do texto, falar sobre a biografia do autor, situar o texto no conjunto da obra do autor, recomendar a leitura do texto e fazer uma crítica ao autor e à obra. Além disso, a obra prefaciada pode ser também “[...] simples pretexto para um manifesto, para uma confidência, para um acerto de contas, para uma divagação.” (p. 239). Veremos mais adiante como essas funções indicadas por Genette (2009) aparecem nos prefácios dos tradutores de Virgílio.

Sobre as notas, Genette (2009) afirma que sua natureza é difícil de apreender, pois sua manifestação é pontual e, ao mesmo tempo, fragmentada. Ainda assim, o autor oferece uma definição formal: “uma nota é um enunciado de tamanho variável (basta uma palavra) relativo a um segmento mais ou menos determinado de um texto, e disposto seja em frente seja como referência a esse segmento.” (p. 281). Genette (2009) assinala ainda que o discurso encontrado nas notas geralmente é uma continuação do discurso encontrado nos prefácios, nessa perspectiva, é importante para a pesquisa que esses dois elementos sejam analisados num mesmo estudo.

As notas, assim como os prefácios, também podem ser *autográficas* ou *alográficas* (GENETTE, 2009, pp. 284-285). Se usarmos o mesmo critério de distinção dos prefácios, diríamos que as notas do tradutor que se limitam a comentar o texto seriam alográficas, ao passo que aquelas em que o tradutor se posiciona ou explica alguma questão seriam autográficas. Sobre essa distinção, Pablo Cardellino Soto (2017, pp. 78-79) em sua tese, cujo objeto são as notas do tradutor em uma tradução de Machado de Assis, chama a atenção para o fato de que o tradutor anota o próprio texto e, neste caso, poder-se-ia questionar o estatuto alográfico das notas do tradutor. Para Soto (2017), as notas do tradutor “[...] podem desde ocupar uma posição textual marginal (autográficas) até terem um estatuto claramente paratextual (alográficas)”, isto é, “[...] notas autográficas seriam as aclaratórias (ou seja, aquelas que explicam o termo anotado, em outras palavras) [...]” e “[...] notas alográficas são aquelas que ponderam sobre o texto mencionando o autor do original como avalista do

comentário.” (SOTO, 2017, p. 78). Em relação a essa discussão, nossa compreensão é a de que as notas do tradutor são autográficas, pois é ele quem escolhe como e o que anotar, sendo o autor do texto das notas.

Em prefácio a *Traduzir o Brasil literário*, de Marie-Hélène Torres, Germana Henriques Pereira de Souza afirma que os paratextos “[...] emolduram a obra traduzida e garantem um espaço de visibilidade à voz do tradutor, mas não só, os discursos de acompanhamento ancoram a obra no horizonte da crítica literária e definem parâmetros que conduzirão à leitura e recepção do texto traduzido [...]” (2011, p. 12). Nesse sentido, os prefácios e notas são elementos em que se reserva ao tradutor o direito à palavra e ele deixa de ser *invisível*. A noção de invisibilidade do tradutor, como pensada por Venuti (1995), manifesta-se em dois fenômenos: de uma parte, os leitores quase sempre leem um texto traduzido como se tivesse sido escrito em sua própria língua, isto é, como se fosse um texto original e não uma tradução; de outra parte, quanto mais uma tradução é fluente, mais ela é aceita por leitores, críticos e pelo mercado editorial. Assim, as traduções tendem a ser melhor avaliadas “[...] quando a ausência de quaisquer passagens canhestras, construções não idiomáticas ou significados confusos transmite a sensação de que a tradução reflete a personalidade ou a intenção do autor estrangeiro, ou o significado essencial do texto original.” (VENUTI, 1995, p. 111). A partir disso, esse apagamento resulta numa invisibilidade social (como por exemplo os baixos salários dos tradutores ou a não menção à sua importante função social) e numa invisibilidade textual (que se dá nas traduções consideradas fluentes, que não causam estranhamento aos leitores).

Para diminuir a invisibilidade dos tradutores, Venuti (1995) defende uma tradução *estrangeirizadora*, em oposição a uma tradução fluente ou *domesticadora*. Numa tradução estrangeirizadora, o tradutor traz para o texto traduzido traços linguísticos, literários e culturais do texto original. Os prefácios produzidos pelos tradutores também são vistos por Venuti (1995) como espaços em que eles podem se fazer visíveis e tirar do leitor a impressão de que estão lendo um texto original. Na nossa opinião, as notas podem fazer o mesmo, pois nelas o tradutor comenta sobre sua prática, sua interpretação de determinadas passagens do texto e amplia o conhecimento do leitor ao trazer informações linguísticas, literárias e culturais sobre o autor e a obra traduzida.

Apresentada a fundamentação teórica, passamos à metodologia de nossa pesquisa. Primeiramente, fizemos uma pesquisa sobre as traduções de Virgílio no catálogo *online* da

Biblioteca Nacional. Também consultamos outras fontes¹ com o intuito de conferir as informações encontradas. Posteriormente, examinamos os livros físicos disponíveis no Acervo de Obras Gerais e no Acervo de Obras Raras da Biblioteca Nacional, a fim de cotejar as informações obtidas *online* e acessar os prefácios e as notas.

A análise dos paratextos, além de baseada na fundamentação teórica descrita mais acima, foi motivada pelo método criado por Teresa Dias Carneiro (2014) em sua tese de doutorado a respeito dos prefácios de traduções de obras francesas traduzidas no Brasil. A autora identificou na análise do seu corpus uma série de *movimentos* e *passos*² que se repetem nos diversos prefácios analisados. Embora o método de Carneiro (2014) tenha sido pensado somente para os prefácios, a partir dele foi possível analisar também as notas, de modo que elaboramos uma lista de temas que apareceram com mais frequência nos dois elementos paratextuais analisados em nossa pesquisa. Essa seleção foi necessária pois a quantidade de paratextos analisados foi bastante grande e não seria possível elencar e abarcar aqui todas as questões que neles aparecem.

Assim, observamos nos prefácios e notas dos tradutores de Virgílio a repetição de quatro principais temas: contextualização da obra e seu autor; problemas e especificidades da tradução; diálogo entre tradutores; e justificativas para o projeto de tradução. Após a exposição do quadro geral das traduções objeto de nossa pesquisa, apresentaremos como esses temas aparecem nas traduções e em quais questões eles se desdobram, através da seleção de trechos dos discursos dos tradutores encontrados nos prefácios e notas.

Quadro geral das traduções de Virgílio publicadas no Brasil

Em nossa pesquisa encontramos 37 traduções das três obras de Virgílio publicadas no Brasil no período mencionado. Quatro dessas traduções, apresentam-se, na verdade, como adaptações, mas optamos por incluí-las também em nossa análise. Não tivemos acesso à tradução de Salvador de Oliveira Penna. Esta edição, publicada pela Editora Globo ([s/d]) está esgotada e, dado que a Biblioteca Nacional não possui uma cópia em seus acervos, nossa análise limitou-se às 36 traduções às quais tivemos acesso.

Do total de traduções, 24 são de obras completas de Virgílio e 12 de excertos. Analisando os dados de cada obra separadamente, temos 21 traduções para a *Eneida*, dez para as *Bucólicas* e seis para as *Geórgicas*, números que demonstram uma preferência pelo poema épico, ironicamente a obra que Virgílio teria pedido que destruíssem por não ter podido dar a

ela um último polimento (CARDOSO, 2003, p. 10). Sobre a língua de partida, 31 dessas traduções foram feitas diretamente do latim e 5 são traduções indiretas, feitas a partir de outras línguas.

Em relação aos paratextos, as traduções pesquisadas apresentam grande número de produções que procuram contextualizar e explicar as obras de Virgílio ao leitor, tais como: estudos introdutórios, ensaios críticos, glossários, bibliografias, mapas, ilustrações, além dos prefácios e notas. Sobre os dois últimos, apuramos que 27 traduções possuem prefácios escritos pelos tradutores e 25 apresentam notas também produzidas por eles. Esses números demonstram a importância que esses elementos paratextuais têm nas edições de obras como as de Virgílio, pertencentes a uma civilização distante de nós no tempo e no espaço.

Segundo João Pedro Mendes, tradutor das *Bucólicas*,

Virgílio foi conhecido e estudado no Brasil a partir do 2º quartel do século XVI, nos colégios jesuítas da Bahia e de São Paulo de Piratininga. Mas foi a transferência da Corte de Lisboa para o Rio de Janeiro que produziu as primeiras edições impressas localmente, como a de Antonio José de Lima Leitão. (MENDES, 1985, p. 09).

Esta edição de Leitão, que data de 1818, é a mais antiga tradução de Virgílio encontrada em nosso estudo. Trata-se da compilação das traduções da *Eneida*, das *Bucólicas* e das *Geórgicas*, publicadas em 3 tomos pela Typographia Real, entre 1818 e 1819. Leitão é português, assim como outros tradutores de Virgílio. Como suas traduções foram editadas e circularam no Brasil, entendemos que elas devem fazer parte de nosso corpus, pois integram o sistema literário brasileiro. Nesse sentido, também incluímos no corpus as traduções de Odorico Mendes e de Antonio Feliciano de Castilho que foram editadas em Paris, mas que da mesma forma foram difundidas no nosso país. Encontramos, ainda no século XIX, mais doze publicações de traduções virgilianas, totalizando treze, entre elas, as citadas versões de Odorico Mendes, publicadas em 1854 (*Eneida brasileira*) e 1858 (*Virgílio brasileiro*). No século XX, mais quinze traduções são publicadas. Nos últimos anos da pesquisa, localizamos oito traduções de Virgílio impressas. Algumas dessas traduções, como as de Odorico Mendes e as traduções da *Eneida* de Carlos Alberto Nunes (1981) e Tassilo Orpheu Spalding (1981), receberam várias reedições, confirmando sua qualidade e importância aos estudiosos e tradutores brasileiros da literatura latina. Não conseguimos precisar a data de publicação da já mencionada tradução de Penna. No Quadro 1 abaixo, elencamos as traduções de Virgílio

localizadas em nossa pesquisa, acompanhadas do nome do tradutor, editora e ano da primeira publicação:

Quadro 1. Traduções de Virgílio publicadas no Brasil entre 1808 e 2017.

Obra (título)	Tradutor	Editora	Ano da 1ª edição
<i>As obras de Publio Virgilio Maro traduzidas em verso português e anotadas por Antonio José de Lima Leitão</i> ³	Antonio José de Lima Leitão	Typographia Real	[entre 1818 e 1819]
<i>Poesias avulsas de Américo Elísio</i>	José Bonifácio	Bordéos: [s.n.]	1825
<i>Eneida</i>	João Gualberto Ferreira Santos Reis	Typographia de Galdino José Bizerra	1845
<i>Tradução das bucólicas: diálogo pastoril de Virgílio, oferecido a exm. e revm. senhor fr. Marceno do Coração de Jesus</i>	João Nunes de Andrade	Typographia Brasilense de F. M. Ferreira	1846
<i>Os amores de Dido com Eneas: tradução da quarta Eneida de Virgílio</i>	João Nunes de Andrade	Typographia Brasilense de F. M. Ferreira	1847
<i>Eneida brasileira ou epopeia de Virgilio Maro</i>	Manuel Odorico Mendes	Editores Rignoux (Paris)	1854
<i>Virgílio brasileiro</i> ⁴	Manuel Odorico Mendes	Typographie W. Remquet (Paris)	1858
<i>As geórgicas</i>	Antonio Feliciano de Castilho	Typographie de A. Lainé et J. Havard (Paris)	1867
<i>Virgilianas</i>	Lucindo Filho	Typographia do Vassourense	1883
<i>Novas virgilianas</i>	Lucindo Filho	Typographia de Vassourense	1888
<i>Eneida, poema épico</i>	Leopoldo Pereira	Imprensa Official do Estado de Minas	1920
<i>Traduções avulsas</i> ⁵	Estevam de Oliveira	Typographia Brasil	1924

<i>Eneida de P. Virgílio Maro</i>	J. Laender	Empreza Graphica Editora H. Bruno	1927
<i>Tradução literal da Eneida de Virgílio, destinada aos alunos dos liceus</i>	Nicolau Firmino	Lusitana	1941
<i>Eneida de Públio Virgílio Maro</i>	J.C.	Livraria Salesiana Editora	1952
<i>A Eneida de Virgílio</i>	Maximiano Augusto Gonçalves	H. Antunes	[196-?]
<i>As abelhas: versão da quarta geórgica</i>	Nicolau Firmino	H. Antunes	1966
<i>A Eneida</i>	Miécio Tati	Ediouro	[1973?]
<i>Eneida</i>	Carlos Alberto Nunes	A Montanha Edições	1981
<i>Eneida</i>	Tassilo Orpheu Spalding	Círculo do Livro	1981
<i>Bucólicas</i>	Péricles Eugênio da Silva Ramos	UnB/Melhoramentos	1982
<i>Construção e arte das Bucólicas de Virgílio</i>	João Pedro Mendes	UnB/INL	1985
<i>Narrativas extraídas da Eneida</i>	Ricardo Alberty	Verbo	1986
<i>Eneida</i>	David Jardim Júnior	Tecnoprint	1988
<i>Bucólicas</i>	Maria Isabel Rebelo Gonçalves	Verbo	1996
<i>Eneida/Virgílio</i>	Cecília Casas (tradução e adaptação)	Ave-Maria	2002
<i>Eneida: as aventuras de Enéias</i>	Stefania Stefani (adaptação) José Arrabal (tradução)	Paulinas	2004

<i>Eneida</i>	José Vitorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva	Martins Fontes	2004
<i>Bucólicas</i>	Raimundo Carvalho	Crisálida/Tessitura	2005
<i>O IV canto das Geórgicas</i>	Elaine Cristina Prado dos Santos	Scortecci	2007
<i>Eneida</i>	Domingos Paschoal Cegalla	Difel	2009
<i>As armas e o varão: leitura e tradução do Canto I da Eneida</i>	Márcio Thamos	Edusp	2011
<i>Geórgicas I</i>	Matheus Trevizam	UFMG	2013
<i>Eneida</i>	Salvador de Oliveira Penna	Globo	s/d

Análise dos paratextos das traduções

Conhecidos esses dados mais gerais a respeito das traduções, passamos à análise dos prefácios e das notas, de acordo com a metodologia já exposta. Os exemplos⁶ aqui citados foram retirados desses paratextos e escolhidos pela sua recorrência. A análise aqui apresentada não pretende (e não poderia ser) exaustiva, pois a maioria das edições analisadas possui prefácios e uma grande quantidade de notas, de modo que foi necessário fazer uma seleção dos exemplos que consideramos mais relevantes e significativos para nosso objetivo de evidenciar a reflexão que os tradutores fazem sobre o trabalho de tradução.

Nos prefácios e notas dos tradutores de Virgílio, a *contextualização da obra e seu autor* é um tema constante em praticamente todas as edições consultadas. Há uma preocupação frequente por parte dos tradutores em apresentar fatos histórico-biográficos a respeito de Virgílio e a época em que viveu, comentar sobre suas fontes e influências – gregas e latinas, resumir e analisar literariamente a obra traduzida, contextualizá-la historicamente, bem como situá-la no conjunto das obras virgilianas. Os tradutores reiteradamente enaltecem a obra e seu autor. A importância da obra para a história da literatura é por vezes apresentada como justificativa para sua (re)tradução. Assim, percebemos que existe uma preocupação por parte dos tradutores em contextualizar e explicar o texto virgiliano. Eles alegam que, pela distância temporal e cultural que nos separa dos romanos, o leitor teria dificuldade em

entender mais profundamente obras antigas como as de Virgílio, por isso a necessidade de oferecer todo um conjunto de paratextos que tentam suprir essa suposta barreira.

O segundo tema que recebeu bastante atenção dos tradutores foram os *problemas e especificidades da tradução*, que podemos subdividir em algumas questões para melhor comparar as diferentes abordagens dos tradutores. A primeira delas refere-se a uma discussão sobre como traduzir poesia (de Virgílio ou no geral), se em prosa ou em verso. Das 36 traduções analisadas, 21 são em verso e quinze em prosa, ou seja, há uma preferência pela tradução da poesia virgiliana em verso, porém a quantidade de traduções em prosa é expressiva. Encontramos distintas opiniões a respeito dessa questão nos prefácios e notas examinados.

Entre os defensores da tradução em verso está Márcio Thamos, tradutor do Canto I da *Eneida*, que transpõe os hexâmetros virgilianos em decassílabos, “[...] buscando-se assim uma equivalência métrica expressiva entre a poética da língua latina e a da língua portuguesa (na base dessa escolha encontra-se a legítima aproximação da *Eneida* com o grande épico português representado por Camões e *Os Lusíadas*).” (THAMOS, 2011, p. 406). Raimundo Carvalho, tradutor das *Bucólicas*, afirma que seu processo de tradução “[...] fundamenta-se na escolha prévia de determinados procedimentos constitutivos do texto e da tradução” (VIRGÍLIO, 2005, p. 109) e entre esses procedimentos a serem selecionados antes de começar a traduzir está o tipo de verso. Da mesma forma, Péricles Eugênio da Silva Ramos, tradutor das *Bucólicas*, entende que “[...] apesar das limitações que isso possa impor, um texto poético metrificado só pode traduzir-se em verso, para dar uma ideia do que seja o original.” (VIRGÍLIO, 1982, p. 10).

Essa defesa do verso já aparece em tradutores do século XIX, como Lucindo Filho, tradutor das *Bucólicas*:

Adotei, pois, o verso decassílabo solto, por ser o que mais se coaduna à tradução de um poeta como Virgílio, que só usara do hexâmetro, e para poder conservar fielmente o sentido e as palavras do original. Não quis ser autor, quis simplesmente conservar-me no papel de tradutor. (FILHO, 1888, p. 60).

Os exemplos acima mostram que os tradutores entendem que uma tradução *fiel* ou *equivalente* de Virgílio só pode ser feita em verso e deve-se adotar um tipo de verso português correspondente ao verso latino. Coincidentemente, Thamos e Filho adotaram o decassílabo.

Entre os defensores da tradução de poesia em prosa está João Nunes de Andrade, que traduziu em prosa as *Bucólicas*, justificando sua escolha no prefácio: “algumas traduções, principalmente em verso, afastam-se tanto do sentido das palavras do autor, em umas partes aumentando, em outras diminuindo, alterando, desfigurando, que seus autores se a este teatro voltassem pasmariam [...]” (1846, p. VII). Andrade entende que a tradução em prosa, por não ter as amarras do verso, se aproximaria mais do sentido do texto de Virgílio. Leopoldo Pereira, que transpôs a *Eneida* em prosa, indo ao encontro de Andrade afirma:

Sempre pensei que os poetas da antiguidade não devem ser traduzidos em verso. Raras são as traduções poéticas que deem uma ideia aproximada do original. A medida do verso obriga frequentemente o tradutor, ora a cortar pelo texto e oprimir em forçada concisão dos pensamentos, ora a distendê-los por longas perífrases, acrescentando epítetos, imagens e circunstâncias, do que resulta afinal uma obra contrafeita e sem naturalidade, que não é original nem tradução. Mas quem precisa de recorrer a um intérprete para ter uma ideia dessas obras primas do engenho humano, quer que se lhe dê, em boa forma, o pensamento do autor e só ele, sem desenvolvimentos nem diminuições; e isto só em prosa se pode fazer. (VIRGÍLIO, 1920, p. III).

Outra especificidade da tradução de Virgílio, apresentada pelos tradutores, é a adoção de termos latinos, quando não se encontram equivalentes em português. Pereira, por exemplo, em nota ao verso “[...] tudo o que se pode fazer de ferro e de fundido electro [...]” diz: “*Electrum* era uma liga de ouro e prata. Adoto o termo por não haver outro em português.” (1920, p. 199).

Há também o resgate de vocábulos antigos e a recriação de alguns para a produção de um texto em português a altura do texto latino, afinal, como diz Odorico Mendes em nota à tradução da *Eneida* “Não se pode imitar o variadíssimo estilo de Virgílio só com a pobre e acanhada linguagem dos nossos jornais; é mister empregar todos os recursos do português, e às vezes nem isto basta.” (VIRGÍLIO, 2005, p. 182). Assim, quando os vocábulos da língua portuguesa não dão conta de expressar na mesma medida os vocábulos latinos, os tradutores recorrem à criação de neologismos. Dois tradutores do século XIX foram exímios inventores e estabeleceram um paradigma para os tradutores seguintes: Leitão e Odorico Mendes. Ambos já anunciam a prática nos prefácios de suas respectivas traduções. Leitão escreve:

Achar-se-ão palavras com usos novos, e mesmo novas palavras. É este o método de enriquecer as línguas. Em ambos os casos malhei o meu trabalho

a cunho latino; pois que, como a língua Grega era a fonte, onde se ia prover a Lácia, esta é a que nutre a nossa.

Já Camões o fez; tem-no feito os bons poetas, que já passaram; e hoje inda com audácia nobre o faz o sempre ilustre Filinto Elísio. Foi, e será sempre honroso trabalhar em enriquecer prudentemente o idioma pátrio. E por que não o tentarei eu também? (VIRGÍLIO, 1818, p. XII).

Odorico Mendes, por sua vez, afirma na *Advertência* à tradução da *Eneida*: “Adotei algumas palavras do latim e compus não poucas por me parecerem necessárias na ocasião. De algumas faço menção nas notas; de outras não tratei, por ser óbvio o sentido em que as tomo.” (VIRGÍLIO, 2005, p. 32). Mas nem tudo o que parece ser neologismo, segundo o maranhense, é. Em nota ao Canto I da *Eneida*, ele explica que “Os que folhearem os clássicos, ou mesmo os dicionários, verão que não poucos neologismos que me emprestam são apenas restaurações.” (VIRGÍLIO, 2005, p. 50).

Em outras notas, Odorico Mendes aponta para alguns neologismos compostos por ele, explicando porque os criou, como nesta anotação à tradução do Canto IV da *Eneida*: “No meu verso 98 usei de *persentiu*, que não vem nos dicionários da língua: não sei se já é nosso, mas sei que é necessário, porque exprime ideia diversa da do simples e do composto *pressentir*.” (VIRGÍLIO, 2005, p. 114). Na tradução das *Bucólicas*, ele cria um verbo a partir de um nome: “Temos *lourejar*; mas julguei útil *flavescer*, porque *lourejar* ficaria mui perto da consonância em *ar* do verso antecedente. *Louro* era nosso, e Camões introduziu *flavo*: consintam-me o verbo.” (VIRGÍLIO, 2008, p. 93). E na tradução das *Geórgicas*, o maranhense explica: “*Male pinguis* não é *infecundo*, mas *pouco fértil*: se o terreno areento fosse infecundo, na força do termo, não merecia ser cultivado; sendo pouco fértil, melhora-se. Imitando o latim, compus *malpingue* [...]” (VIRGÍLIO, 1858, p. 101), isto é, ele cria o vocábulo *malpingue* unindo um advérbio latino, *male*, a um adjetivo, *pinguis*.

Leitão também indica alguns neologismos concebidos por ele nas suas notas. Na tradução das *Geórgicas*, ele mostra a formação de um verbo a partir de um adjetivo criado por Amador Arraes, escritor e religioso português do século XVI:

Transnoita sobre duras penedias – Amador Arraes diz – pregando em umas partes, e outras, perseguido em todas, e trasnoitado em oração – Ora eu, que me cansei em buscar um verbo para exprimir o – *jacet pernox* – do texto, não o achei: portanto fi-lo. Se Arraes criou o adjetivo – *transnoitado* – da preposição *trans* e do nome *nox* latinos; eu derivo o meu verbo – *transnoitar* – do seu adjetivo – *transnoitado* – o que passou noites sem dormir: – *transnoitar* – passar noites sem dormir. (VIRGÍLIO, 1818, p. 172).

Na mesma tradução, Leitão explica como formou um adjetivo em português a partir do latim na nota aos versos 365 a 367:

Segue orelhudas lebres, crava as corças/ **Stupea** funda Balear calhaus vibrando,/ Quando há neve a montões, em gelo os rios. Aqui aportuguesei o adjetivo – *stupeus, a, um* – coisa feita de estopa; porque não achei outro modo de exprimir dignamente esta ideia. As ilhas Baleares são Majorca, e Minorca no Mediterrâneo, onde se usava de certas fundas, que varejavam longe as pedras. (VIRGÍLIO, 1818, p. 117, grifo nosso).

Ainda dentro dos problemas e especificidades da tradução, encontramos a questão da concisão da língua latina, que é sintética, em oposição ao português, língua analítica. Recriar em português a mesma brevidade e economia da frase latina é um desejo manifestado por muito tradutores, como Carvalho, que nos comentários à sua tradução das *Bucólicas* escreve que sua concepção é a “de traduzir com economia, mas sem supressão de elementos importantes [...]” (VIRGÍLIO, 2005, p. 157). Mais adiante, ele afirma: “Sobre a minha tradução cabe dizer que me permiti alguma liberdade no corte de certos elementos (*arbos, siluae*, sintetizados em *selva*), sem prejuízo do sentido.” (VIRGÍLIO, 2005, p. 164). Esses comentários demonstram que há uma preocupação por parte deste tradutor, assim como de outros, em traduzir concisamente, porém sem alterar em demasia o sentido da frase virgiliana e sem suprimir componentes fundamentais do texto.

Assim como em relação aos neologismos, o grande mestre e modelo de concisão entre os tradutores é Odorico Mendes. Carvalho, por exemplo, declara que “Este [Valéry] me encoraja a escrever versos mais harmônicos, aquele [Odorico Mendes] me desafia a fazê-los mais concisos.” (VIRGÍLIO, 2005, p. 148). De fato, o maranhense foi capaz de traduzir a *Eneida* quase igualando o número de versos do original: o texto latino possui 9.901 versos e o texto em português de Odorico Mendes, 9.946⁷. Para este tradutor, a língua portuguesa apresentaria mais possibilidades em relação às outras línguas latinas nesse quesito: “Pode a nossa língua no mesmo número de versos traduzir essas belezas; o que ainda não conseguiu nenhuma das vivas, nem as duas mais suaves, a Castelhana e a Italiana.” (VIRGÍLIO, 2005, p. 54). Em nota ao Canto II da *Eneida*, Odorico Mendes comenta sobre a tradução do verso *Una salus victis, nullam sperare salutem*:

Atente-se na vantagem que a nossa aqui leva à língua Francesa. Este verso traduziu M. Villenave: *Le seul pour les vaincus est de n'attendre aucun salut*; eu pude dizer: *A vencidos uma só esperança, o desespero*. A falta de verbo que tem força no texto, admite-se em português, não em francês. (VIRGÍLIO, 2005, p. 73).

Ou seja, por características próprias da língua, o francês exige que apareça o verbo, enquanto que o português permite a sua supressão sem prejuízo à sintaxe e ao sentido da frase. Em contrapartida, Lucindo Filho, apesar da admiração pela tradução do maranhense, faz uma crítica ao modo de traduzir odoricano em seu prefácio:

Mas é forçoso confessar que o ilustre maranhense, na ímproba determinação de reduzir o verso latino ao português, tornou a sua, aliás, excelente tradução, muitas vezes obscura, e alatinou-a em demasia. Realmente só à custa de anfibologias poderia essa tradução ser feita sempre verso a verso, sendo a língua latina essencialmente elíptica. (FILHO, 1883, p. 07)

Antes de Odorico Mendes, Antonio José de Lima Leitão também já atentava para esse assunto. No prefácio à sua tradução da *Eneida*, ele escreve: “[...] acreditava eu que o tradutor poeta devia sacrificar a harmonia à concisão; hoje porém penso que ambas devem ir a par, e modificarem-se mutuamente.” (VIRGÍLIO, 1819, p. IX). Isto é, a concisão não é um valor absoluto, mas deve ser buscada sempre que possível pelo tradutor. Para o verso “Trazei-me, versos meus, trazei-me Daphnis” das *Bucólicas*, Leitão registra a seguinte nota:

Diz o texto: *Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnin*. Para não afrouxar o verso latino pondo-o em dois portugueses, suprimi na tradução a palavra – *domum* –, suprimindo-a com o pronome – *me* –: e suprimi, sem a suprir, a palavra – *ab urbe* –: Visto que o tudo era que Daphnis viesse do lugar onde estava longe da maga, para onde ela exercia os seus encantamentos. (VIRGÍLIO, 1818, p. 69).

O tradutor optou por não traduzir *ab urbe domum* (que traduziríamos por “da cidade para casa”) e acrescentar o pronome “me”, inexistente em latim, para dar a mesma ideia de que quem profere o verso deseja que Dáfnis retorne para perto de si. A solução de Leitão foi adotada na tradução de Odorico Mendes, que em nota diz: “Não achei forma que traduzisse tão bem como o Sr. Leitão, cujo verso adotei [...]” (VIRGÍLIO, 2008, p. 164).

Na nota de Odorico Mendes citada acima, fica evidente que ele leu e se inspirou nas traduções anteriores à sua, no caso citado, para solucionar um problema de tradução. Nos

paratextos analisados, percebemos que existe um *diálogo entre tradutores*, que mencionam uns aos outros, fazendo elogios ou críticas, ou simplesmente citando nomes que admiram. Foi possível constatar, portanto, que os tradutores conhecem, consultam e comparam suas traduções com outras em português e também em outras línguas.

Assim como Odorico Mendes, outros tradutores recorreram às traduções dos colegas para resolver dificuldades. Carvalho, por exemplo, comenta sobre os problemas que podem suscitar os vocábulos empregados por Virgílio nas *Bucólicas* e como o estudo de outras traduções pode servir de auxílio:

Entre os vocabulários especiais, o de botânica é um dos mais difíceis de traduzir, porque os nomes latinos deram origem nas línguas modernas a vocábulos atribuídos a plantas diferentes. Na minha tradução, procurei não fugir do problema e **seguí a lição dos tradutores e comentadores consultados**. (VIRGÍLIO, 2005, p. 124, grifo nosso).

Já Leitão adota o neologismo composto por outro tradutor nos seus versos: “Por consenso inviolável dos Destinos,/ Disseram, **rodopiando** à pressa os fusos. – Rodopiar – verbo elegantemente criado do nome – rodopio – pelo nosso ilustre Filinto Elísio.” (VIRGÍLIO, 1818, p. 43, grifo nosso). Em outros casos, tradutores citam uns aos outros para reprovar suas escolhas, como Odorico Mendes em algumas notas da *Eneida*: “Não penso como o nosso digno compatriota o Sr. João Gualberto [...]” (VIRGÍLIO, 2005, p. 178) ou em “Permita-se-me aqui notar uma falta de gosto em um dos nossos tradutores. [...] E ainda pior é o remate de João Franco [...]” (VIRGÍLIO, 2005, p. 231), excertos que evidenciam a condenação que o maranhense faz a algumas soluções dadas por seus colegas a problemas de tradução.

Especialmente nos prefácios, os tradutores de Virgílio citam nomes de outros tradutores que admiram, como José Bonifácio, na sua tradução das *Bucólicas*: “[...] compare o leitor esta versão com as de Leonel da Costa, Cândido Lusitano, e Malhão, e decida se perdi o meu tempo.” (SILVA, 1825, p. 153). O baiano João Gualberto Ferreira Santos Reis cita dois conhecidos tradutores portugueses em seu prefácio à tradução da *Eneida*:

Vi a tradução de João Franco Barreto: respeitando os vastos conhecimentos e autoridade deste tradutor e poeta, acho que em muitos lugares melhor frase, e termos melhores empregaria, (pois muito bem os conhecia) se o rigor e a necessidade da rima, a que injustamente se foi prender, o não constrangessem ao contrário. Vi também, já depois de concluída e correta a

minha tradução, a do Dr. Antonio José de Lima Leitão, em que há muito ouvira falar, e muito desejava ler; e folguei de que em vários lugares achasse tão ajustadas nossas ideias e expressões, que até alguns versos já inteiramente iguais.” (VIRGÍLIO, 1845, p. 04, 1845).

Um tanto suspeita é essa afirmação de Reis de que teria traduzido alguns versos “inteiramente iguais” a Leitão, mais provável é que o primeiro tenha lido a tradução do segundo e adotado algumas soluções por não encontrar outras melhores.

Odorico Mendes também cita outros tradutores em seu prefácio à tradução da *Eneida*: “Por contente me dou se obtenho um lugar ao pé de Aníbal Caro, Pope, Monti, Francisco Manuel, e de outros bons tradutores poetas; e, a ser-me isto vedado, consolo-me com o prazer bebido nas ficções de Virgílio [...]” (VIRGÍLIO, 2005, p. 33), além de outros nomes que aparecem nas notas, como o de Jacques Delille (1738-1813), poeta francês que traduziu as *Geórgicas* e a *Eneida*.

Curiosamente, Estevam Oliveira, tradutor da *Eneida*, vai na contramão dos outros tradutores e afirma não ter lido outras versões do texto: “Da *Eneida* não conheço tradução nenhuma, nem mesmo a de Odorico Mendes, que me afirmam ser de tão difícil interpretação quanto o poema original. Assim, o trabalho interpretativo aqui oferecido ao leitor é exclusivamente meu.” (CÍCERO et. al., 1924, p. 127).

Há ainda um último tema recorrente nos prefácios e notas analisados: as *justificativas para o projeto de tradução*. Os tradutores apresentam argumentos para a (re)tradução das obras, como Reis, em seu prefácio à tradução da *Eneida*:

Havendo já (diziam-me algumas pessoas) várias traduções da Eneida em nossa língua, porque te vais atarefar de igual empresa, podendo antes tomar outra, a que ainda outros se não deram? Entre diversas causas (respondi eu) chamaram-me a este empenho as seguintes – o amor que tenho à poesia, o muito que me deleita sobre todas a musa de Virgílio, poeta e clássico o mais eminente; a nobreza do seu canto, tão felizmente inspirado e sa[?]; a majestosa língua do Lácio, de que com sucesso tanto e tanta glória se serviu, para nessa brilhante Epopeia, instruindo e deleitando, apresentar com os encantos da harmonia, que a bem poucos franqueia o Deus do Pindo, exemplos grandes de heroísmo, de piedade, e de outras virtudes, que tanto devem encher o coração humano. (VIRGÍLIO, 1845, p. 02).

Nicolau Firmino, em sua tradução da quarta geórgica, diz: “Nos longos Prólogos ou Proêmios, que ninguém lê, os autores tentam geralmente desculpar-se dos erros cometidos nas obras, ou indicar virtudes que nem sempre alcançaram, ou tão somente, como eu, justificar as

publicações.” (VIRGÍLIO, 1966, p. 29). No decorrer do prefácio, Firmino apresenta como justificativa para a tradução a necessária valorização da língua e literatura latinas que, à época da publicação de sua tradução, estavam sendo negligenciadas pelos estudantes.

Ainda em relação ao projeto de tradução, os tradutores de Virgílio, a exemplo daqueles analisados por Carneiro (2014) em sua tese, colocam-se em uma posição de humildade, muitas vezes pedindo desculpas por eventuais equívocos na tradução. José Bonifácio, por exemplo, escreve: “**Se este meu pequeno trabalho merecer alguma aprovação**, prometo publicar os outros nove idílios que restam [...]” (SILVA, 1825, p. 154, grifo nosso). Pereira também assume posicionamento semelhante em seu prefácio:

O mais difícil é achar a expressão adequada, que traslade o pensamento sem modernizá-lo, é dar à linguagem o tom conveniente, uma vez que é força renunciar à pretensão de reproduzir os atrativos da forma. Não me gabo de tê-lo conseguido, o que, aliás, não poderia conhecer eu mesmo; **confesso humildemente que o tentei**. (VIRGÍLIO, 1920, p. IV, grifo nosso).

No prefácio citado mais acima, Firmino ainda antecipa e justifica possíveis falhas em sua tradução quando diz “Entretendo-me e distraíndo-me, somente nas horas vagas, com o hobby do Latim, à semelhança daqueles motoristas que só aos domingos conduzem os automóveis, é de presumir que haja fatalmente desastres ou erros nesta obra [...]” (VIRGÍLIO, 1966, p. 34). Mesmo tradutores contemporâneos assumem um posicionamento modesto em relação ao seu trabalho. Thamos, por exemplo, escreve no posfácio à sua tradução: “Tentativas como essas dificilmente se fazem sem tropeços que relevem aqui e ali alguma inabilidade ou mesmo, às vezes, certa insensibilidade crítica. Seja como for, a metalinguagem jamais diz tudo. Seja como for, o [p. 406] desejo de o dizer jamais se extingue.” (2011, pp. 405-406).

Outros tradutores, por sua vez, são menos humildes. Oliveira, em seu prefácio, diz: “Se raciocinei mal, que se me apresente melhor interpretação.” (VIRGÍLIO, 1924, p. 129) e mais adiante “Em todas essas passagens minha preocupação era encontrar uma fórmula de linguagem contemporânea que exprimisse com exatidão, de maneira clara e compreensível, o pensamento contido no original. Se não o consegui ‘faciant meliora potentes’⁸.” (Virgílio, 1924, p. 130). Finalmente, Leitão define o que pensa sobre o posicionamento modesto de alguns tradutores:

Aparto-me do uso de começar os prefácios pela confissão da própria incapacidade; confissão não sincera, **modéstia afetada**, que leva a mira em mais se engrandecer, é melhor captar a benevolência; mas que não ilude homens sensatos. Se Faetonte soubesse que seria despenhado no Pó, não se afoitaria a rever o coche paterno. (VIRGÍLIO, 1818, p. XI, grifo nosso).

Considerações finais

Buscamos neste artigo apresentar as 37 traduções de Virgílio publicadas no Brasil entre 1808 e 2017, analisando o conteúdo dos prefácios e das notas dessas edições, quando escritos pelos seus respectivos tradutores. Por conta quantidade e variedade de questões contidas nesses paratextos, elegemos os quatro temas que mais recorreram nesses textos, os quais foram: contextualização da obra e seu autor; problemas e especificidades da tradução; diálogo entre tradutores; e justificativas para o projeto de tradução. Selecionamos excertos dos discursos dos tradutores apresentados nos prefácios e nas notas para exemplificar como cada um desses temas se revela e se desdobra em outras questões mais específicas.

No geral, a análise dos prefácios mostrou que as traduções de Virgílio são muito anotadas. Praticamente todas as traduções pesquisadas apresentam algum elemento paratextual, ainda que elaborados por outros profissionais, como pesquisadores e estudiosos da área, além da grande quantidade de prefácios e notas do tradutor, conforme apresentamos mais acima. Paulo Rónai (1976), tradutor de literatura latina, afirma que as notas dos tradutores são importantes em obras clássicas que estão “[...] distantes de nós em tempo, lugar e em espírito” (p. 65). Outro tradutor de literatura latina, João Angelo Oliva Neto (2010), afirma em entrevista que “[...] tradução de poesia antiga costuma ser muito anotada [...]” (p. 264). Nesse sentido, podemos inferir que o leitor de literatura clássica espera que a obra traduzida venha acompanhada de muitos paratextos, o que nos leva a pensar que esse seja, em sua maioria, um leitor especialista, que tem um interesse acadêmico (e não só de entretenimento) nesse tipo de literatura. A maior parte das traduções analisadas apresentam textos de acompanhamento que se dedicam a apresentar Virgílio e sua obra, o que nos mostra que os editores entendem que o público deseja esse tipo de informação nas edições.

Sobre as notas analisadas, verificamos que a maioria tem uma função explicativa a respeito de nomes próprios, epítetos, topônimos e aspectos da mitologia, cultura e história romanas. Muitas dessas notas têm um caráter semelhante ao de um glossário. Ao mesmo tempo, como nossa análise mostrou, há uma quantidade significativa de notas em que os tradutores comentam sobre seu processo tradutório, buscando justificar ao leitor suas

escolhas, comparando as soluções adotadas com as de outros tradutores, revelando suas estratégias de tradução. Essas características corroboram a afirmação de Genette (2009) de que as notas podem ser propostas “[...] apenas a alguns leitores: aqueles a quem possa interessar determinada consideração complementar ou digressiva, cujo caráter acessório justifica exatamente a colocação em nota.” (p. 285). Esse tipo de informação mais específica sobre o trabalho de tradução, na nossa opinião, interessaria mais a um leitor especializado, com um conhecimento ainda que básico da língua latina.

Como vimos mais acima, de acordo com Genette (2009), os prefácios possuem certas funções. Dentre aquelas citadas pelo autor, havíamos destacado as seguintes: “[...] reter e guiar o leitor explicando-lhe por que e como se deve ler o texto” (p. 212), informar sobre a gênese da obra, apresentar as etapas da concepção, redação e publicação do texto, falar sobre a biografia do autor, situar o texto no conjunto da obra do autor, recomendar a leitura do texto e fazer uma crítica ao autor e à obra. Nos prefácios analisados foi possível encontrar todas essas funções, especialmente a de expor ao leitor informações sobre a vida e a obra de Virgílio.

Ainda sobre os prefácios, Carneiro (2014, p. 240) entende esse elemento paratextual como uma das poucas oportunidades que o tradutor tem para falar sobre seu trabalho. Nos prefácios analisados pela autora, no entanto, esse tipo de informação quase não aparece, os tradutores dão preferência para uma apresentação da obra e do autor que estão traduzindo, em vez de aproveitarem o espaço para expor e valorizar seu próprio trabalho. Nos prefácios de Virgílio analisados, embora haja também a apresentação da obra e do autor, existe uma preocupação por parte dos tradutores em evidenciar o processo de tradução, ao contrário do que Carneiro (2014) verificou nos prefácios analisados por ela. Os comentários sobre o processo tradutório, como tentamos demonstrar em nossa análise, também são bastante frequentes nas notas dos tradutores.

Voltando às notas, Soto afirma em sua tese que quando são escritas pelo tradutor “[...] não raro são abordadas com uma postura negativa e prescritiva”, como se elas fossem a afirmação de que o tradutor não conseguiu resolver no texto traduzido determinado problema de tradução: “[...] sempre há quem comente que ceder à inclusão da nota é um atestado de incompetência do tradutor” (SOTO, 2017, p. 21). Por conta da quantidade e frequência com que encontramos notas nas traduções de Virgílio, acreditamos que nas edições de literatura

clássica esse elemento paratextual é mais aceito, pois o leitor espera (e deseja) que o texto traduzido tenha um aparato que guie e facilite sua leitura.

Quando se trata da tradução de obras antigas, a questão da temporalidade em tradução se impõe: como traduzir um texto que não é mais do tempo da tradução? O tradutor, consciente desse problema, sabe que para compreender (e traduzir) as manifestações literárias de uma cultura afastada de nós é necessário desfazer a distância que nos separa dessa cultura. Um método deve ser estabelecido para que a tradução tenha sucesso. Podemos pensar após a conclusão deste estudo que, no caso específico das traduções de Virgílio, os paratextos fazem parte desse método, reconstruindo sentidos e tornando possível a leitura das obras virgilianas em nosso tempo.

Por fim, ainda que não tenhamos analisado o texto da tradução propriamente dito, o exame dos quatro temas recorrentes nos prefácios e notas revelou o caráter inovador das traduções de Virgílio, especialmente aquelas publicadas no século XIX. Tradutores como Antonio José de Lima Leitão e Odorico Mendes, entre outros, conforme exemplificamos em nossa análise, criaram neologismos, forçaram os limites da sintaxe portuguesa, com o intuito de valorizar e enriquecer a língua nacional, numa tentativa de equipará-la à língua latina, especialmente no que diz respeito à sua concisão.

Referências bibliográficas

- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 2000.
- CARDOSO, Zelia de Almeida. **A literatura latina**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CARNEIRO, Teresa Dias. **Contribuições para uma teoria do paratexto do livro traduzido: caso das traduções de obras literárias francesas no Brasil a partir de meados do século XX**. 2014. 398 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29928/29928.PDF>>. Acesso em: 22 fev. 2018.
- CÍCERO et. al. **Traduções avulsas (Cícero, Virgílio, Horácio e Tito Lívio)**. Tradução: Estevam de Oliveira. Juiz de Fora: Typographia Brasil, 1924.
- COSTA, Walter Carlos; GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène C. (Org.). **Literatura traduzida e literatura nacional**. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem studies. **Poetics today**, v. 11, n. 1, 1990.
- FILHO, Lucindo. **Novas virgilianas**. Vassouras: Typ. do Vassourense, 1888.
- FILHO, Lucindo. **Virgilianas**. Vassouras: Typ. do Vassourense, 1883.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução: Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Tradução: Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2012. Título original: *Books in Brazil: a history of the publishing trade*.
- OLIVA NETO, João Ângelo. Entrevista com João Ângelo Oliva Neto. In: **Cadernos de Tradução**. Vol. 1, n.25. Florianópolis: Pós-Graduação em Estudos da Tradução, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducaoarticle/viewFile/15386/13970>>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- PINILLA, José Antonio Sabio. A metodologia em história da tradução: estado da questão. Tradução: Martha Lucía Pulido Correa et al. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 6, n. 2, p.223-255, nov. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/28271>>. Acesso em: 30 mar. 2018.
- RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

SILVA, José Bonifácio de Andrada e. **Poesias avulsas de Américo Elísio**. [s.n.], Bordeaux, 1825.

SOTO, Pablo Cardelino. **Notas do tradutor em uma tradução comentada e anotada de Casa Velha, de Machado de Assis, para o espanhol**. 2017. 262 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<http://tcd.ufsc.br/teses/PGET0336-T.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

THAMOS, Márcio. **As armas e o varão**: leitura e tradução do Canto I da Eneida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Traduzir o Brasil literário**. Tradução: Marlova Aseff; Eleonora Castelli. Tubarão: Copiart, 2011.

TOURY, Gideon. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdam: J. Benjamins, 1995.

_____. **Descriptive translation studies and beyond: revised edition**. Amsterdam: J. Benjamins, 2012.

TUFFANI, Eduardo. **Repertório brasileiro de língua e literatura latina: 1830-1996**. Cotia: Íbis, 2006.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a history of translation**. London: Routledge, 1995.

_____. A invisibilidade do tradutor. Tradução: Carolina Alfaro. **Palavra**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.111-134, 1995.

VIRGÍLIO. **Ao Senhor D. Pedro II, imperador Constitucional e defensor perpétuo do Brasil. Tradução da Eneida de Públio Virgílio Marão D.O.C. em testemunho de respeito, de amor e de gratidão pelo tradutor João Gualberto Ferreira Santos Reis**. Tradução: João Gualberto Ferreira Santos Reis. Bahia, Typographia de Galdino José Bizerra e Companhia, 1845.

_____. **As abelhas**: versão da 4ª Geórgica. Tradução: Nicolau Firmino. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1966.

_____. **Bucólicas**. Tradução Manuel Odorico Mendes. Edição anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

- ____. **Bucólicas**. Tradução: Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- ____. **Bucólicas**. Tradução: Raimundo de Carvalho e Manuel Odorico Mendes (em apêndice). Belo Horizonte: Crisálida, 2005.
- ____. **Eneida**. Tradução: Leopoldo Pereira. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1920.
- ____. **Eneida**. Tradução e notas: Manuel Odorico Mendes. Apresentação: Antonio Medina. Estabelecimento do texto, notas e glossário: Luiz Alberto Machado Cabral. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.
- ____. **Geórgicas I**. Organização: Matheus Trevizam. Traduções de Matheus Trevizam e Antonio Feliciano de Castilho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- ____. **Monumento à elevação da colônia Brasil a Reino, e ao estabelecimento do tríplice Império Luso. As obras de Públio Virgílio Maro, traduzidas em verso português, e anotadas pelo Doutor Antonio José de Lima Leitão**. Tradução Antonio José de Lima Leitão. Rio de Janeiro: Typographia Real, [entre 1818 e 1819]. 3 t.
- ____. **Tradução das Bucólicas**: diálogo pastoril de Virgílio. Tradução: João Nunes de Andrade. Rio de Janeiro: Typ. Brasilense de F. M. Ferreira, 1846.
- ____. **Virgílio brasileiro**. Tradução: Manuel Odorico Mendes. Paris: Typographia de W. Remquet, 1858.

Notas

¹ As outras fontes consultadas foram os bancos de dados *Worldcat* e *Index translationum*, e o livro de Eduardo Tuffani (2006) intitulado *Repertório brasileiro de língua e literatura latina: 1830-1996*.

² Carneiro, em sua tese, identificou a seguinte série no corpus por ela analisado:

- MOVIMENTO 1 – APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO
- MOVIMENTO 2 – BIOGRAFIA DO(S) AUTOR(ES)
 - Passo 2A – Fatos histórico-biográficos
 - Passo 2B - Escola literária de pertencimento
 - Passo 2C - Fontes e influências
- MOVIMENTO 3 – O CONJUNTO DA OBRA E A OBRA ESPECÍFICA
 - Passo 3A – Significado da obra específica no conjunto da obra
 - Passo 3B – Análise literária (estilo, temas, construção literária)
 - Passo 3C – Exemplos concretos
- MOVIMENTO 4 – DIFICULDADES/PECULIARIDADES DA TRADUÇÃO
 - Passo 4A – Exemplos concretos
- MOVIMENTO 5 – JUSTIFICATIVAS PARA O PROJETO TRADUTÓRIO
 - Passo 5A – Descrição do projeto tradutório
 - Passo 5B - Contribuições teóricas

Passo 5C - Possíveis deficiências da tradução

Passo 5D – Perspectiva humilde, com ou sem pedido de desculpas. (p. 107).

³ Nesta edição são apresentadas as traduções das três obras de Virgílio: *Geórgicas*, *Bucólicas* e *Eneida*.

⁴ Nesta edição são apresentadas as traduções das três obras de Virgílio: *Geórgicas*, *Bucólicas* e *Eneida*.

⁵ Entre outras traduções de excertos de obras de autores latinos, esta edição apresenta a tradução do Canto II da *Eneida*.

⁶ Os exemplos citados nesta seção, retirados das diversas edições das traduções de Virgílio, tiveram o texto em português atualizado segundo a última Reforma Ortográfica.

⁷ O número de versos citado refere-se à segunda edição da *Eneida*, revisada e publicada por Odorico Mendes em 1858, juntamente com as traduções das *Geórgicas* e das *Bucólicas*, sob o título de *Virgílio brasileiro*. O número de versos da tradução da *Eneida* na primeira edição era de 10.042.

⁸ *Faciant meliora potentes*: façam melhor os que puderem.